

Sujeitos em trânsito: reflexões sobre a “segunda geração” do exílio na escrita feminina chilena contemporânea

Subjects in Transit: Reflections on the “Second Generation” of Exile in the Contemporary Chilean Women Writers

Ana Cristina dos Santos*
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Universidade Veiga de Almeida - UVA

34

Para aquellos que escribimos y hablamos en dos o más lenguas, la frontera de las palabras, los tonos, los acentos, incluso las gesticulaciones, es cruzada todos los días, en cada instante.

Gisela Heffes

RESUMO: Esse artigo objetiva analisar e discutir as novas relações com o espaço que resultam das experiências dos deslocamentos (TORO, 2010) e da reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995) e suas consequências para a (re)construção identitária do sujeito feminino. O trabalho se centra no romance *Pasajeros en tránsito* (2012), de Rossana Dresdner que viveu exilada com sua família na Suécia, primeira obra literária chilena a tratar dessa geração conhecida como a “segunda geração” do exílio. Na obra, as personagens, assim como a autora,

* Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

também habitam territórios liminares, espaços de movência em um processo constante de desenraizamento. O constante ir e vir das personagens impossibilita a construção de um pertencimento único. São personagens descentradas, que constroem uma subjetividade nômade. São, portanto, possuidoras de uma identidade móvel, híbrida e traduzida, conscientes de que suas subjetividades se constroem a partir da experiência do trânsito.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita de autoria feminina chilena. Espaços contemporâneos. Exílio. Deslocamentos. Identidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze and discuss the new relationships with space that are a result from the experience of displacements (TORO, 2010) and the reterritorialization (DELEUZE; GUATTARI, 1995) and their consequences for the identity (re)construction of the feminine subject. This work is centered on the novel *Pasajeros en tránsito* (2012), the first Chilean literary work to deal with the generation known as the “second generation” of exile, written by Rossana Dresdner, who lived in exile with her family in Sweden. In the novel, the characters, as well as the author herself, live in liminal territories and moving spaces in a constant process of uprooting. The constant come and go of the characters makes the construction of a single belonging impossible. They are decentered characters who build a nomadic subjectivity. Therefore, they are owners of a moving, hybrid and translated identity, and conscious that their subjectivities are constructed through the experience of transit.

KEYWORDS: Chilean Women Writers. Contemporary Spaces. Exile. Displacements. Identity.

Introdução

A literatura hispano-americana das primeiras décadas da segunda metade do século XX, ainda no período que conhecemos como o “boom da literatura hispano-americana”, podia ser abordada desde uma perspectiva nacional ou continental que representava, ainda que de forma caleidoscópica, a identidade dos países e da região. O escritor por meio de uma renovação formal da literatura, que incluía um conjunto de técnicas ficcionais, procurava “apreender la realidad mediante la palabra [o] de hablar contra la palabra, de escribir contra la escritura” (SHAW, 1999, p. 244), mas quase sempre voltado para as fronteiras de seu país e de seu continente. Nesse período apareceram os “grandes escritores”, conhecidos mundialmente, tais como Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e Jorge Luis Borges que caracterizaram a polifonia de vozes do continente.

Contudo, desde 1980, a literatura hispano-americana tem sofrido uma mudança ocasionada pela nova relação entre o escritor e as noções de espaço-tempo. O desenvolvimento dos meios de comunicação; a circulação quase instantânea de mercadorias, imagens e informação e a intensidade dos movimentos populacionais (exílio, migração, turismo), principalmente de latino-americanos para os países do eixo Norte (Estados Unidos e Europa), se intensificaram a partir dessa época.

Desde então, o tempo, o Cronos, que ordenou e ordena a realidade em que vivemos, passou a dividir a sua supremacia também com o espaço. Não por casualidade, Foucault (2013, p. 113), ainda nessa segunda metade do século XX, nos assegurava que "A nossa época talvez seja, acima de tudo, a época do espaço. Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado e do disperso". Logo, a correspondência estabelecida na contemporaneidade com o espaço é relacional, interacional e plural.

Desse modo, os deslocamentos espaciais tornaram-se também um dos principais temas da literatura hispano-americana contemporânea. Não que não fossem temas presentes antes. Basta que nos lembremos de diversos escritores importantes da região que viveram anos fora de seus países de origem, fosse no exílio (político ou voluntário) ou em missões diplomáticas e que, desde o país de chegada, produziram suas obras literárias. O exílio sempre esteve presente na literatura hispano-americana e é com essa tradição do deslocamento que dialogam as obras contemporâneas. De modo que não é falacioso afirmar que o tema dos deslocamentos espaciais na literatura hispano-americana seja um dos mais constantes e permanentes entre os escritores.

Porém, nos deslocamentos dos séculos anteriores, o escritor mantinha em seus textos uma relação com o espaço nacional e cultivava sua identidade cultural. Essa se mantinha "imaculada", não se contaminava pela cultura do país de chegada. Seus textos refletiam o pertencimento único a sua nação e a sua

cultura nacional. Nos deslocamentos atuais, o escritor deslocado rompe com o espaço nacional. Sua narrativa ultrapassa as fronteiras da nação e, a partir desse outro espaço, mescla a sua cultura com a do país de chegada. Esse escritor deslocado não abandona completamente sua relação com o país de origem, mas reconfigura o sentimento de pertença ao relacionar a sua cultura com a do país de chegada. Impossibilita, assim, a construção de um pertencimento a uma única nação e a uma única cultura, o que "... nos permite pensar al sujeto migrante en lugar doble, híbrido y no unitario" (BRAVO, 2003, p. 11). Com essa atitude, suas narrativas problematizam as tradicionais noções de território, identidade, língua e literatura nacional.

Esses escritores não se deixam assimilar pela cultura do outro. Eles constroem redes de interrelações que lhes possibilitam participar ativamente das duas culturas, seja por meio de publicações ou de atividades sociais. Partem de uma desterritorialização para uma reterritorialização¹, na qual não se incorporam à nova cultura, mas a ressignificam, criando uma terceira cultura. Buscam a inserção cultural, mas não a assimilação. Essa experiência do deslocamento que considera o desenraizamento, a reterritorialização, a exaltação do nomadismo e a subjetividade nômade, se transforma em tema de seus romances, nos quais seus personagens reproduzem a identidade plural, híbrida e traduzida² que possuem.

Assim, discutir sobre os deslocamentos contemporâneos implica também analisar os constantes processos de reconfiguração da subjetividade que a movência provoca no sujeito errante, pois o contato com o outro "desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades" (IANNI, 2003, p. 14).

¹ A desterritorialização é o movimento de saída do território, um afastamento do local de origem, ocasionando a perda de controle das territorialidades pessoais ou coletivas. A Reterritorialização é o movimento de construção do novo território, na qual o indivíduo inicia uma nova ocupação do território ocupado. Os conceitos de desterritorialização e reterritorialização são utilizados nesse artigo conforme as definições de Deleuze e Guattari (1995, p. 24).

² Conforme o conceito de *tradução* desenvolvido por Stuart Hall (2005, p. 87-89).

Os movimentos constantes entre um lugar e outro mudam não só o espaço, mas também os sujeitos. Esse vínculo entre espaço, movência e subjetividade define os deslocamentos contemporâneos, e explica o fato de, nas narrativas dos escritores hispano-americanos contemporâneos, encontrarmos o tema da migrância³ pelos espaços urbanos entrelaçado às configurações identitárias e personagens desenraizadas que circulam por territórios liminares e espaços de movência.

O tema também se torna presente na produção literária dos filhos dos exilados pelos regimes totalitários (ditaduras) da América Hispânica. São escritores que saíram do país natal ainda crianças, acompanhando os pais no exílio e viveram uma situação não procurada por eles: crescer fora de seus países e conviver entre duas ou mais culturas. Eles são conhecidos como “la segunda generación” de exilados. Alguns voltaram com os pais quando esses retornaram ao país de origem e passaram a viver ali; outros permaneceram nos países em que cresceram. Em seus romances - em língua espanhola ou na língua dos países em que foram acolhidos - o tema da ditadura está sempre presente. Nem sempre é o tema principal, mas perpassa como história em segundo plano que conduz a vida das personagens.

Nesses romances, o foco é sempre a questão do pertencimento e da reconstrução identitária dos personagens, pois eles, tais como os autores, estão atravessados por duas ou mais culturas. São sujeitos desterritorializados, fraturados, que constroem a sua subjetividade a partir da experiência de pertencer e transitar entre essas culturas. De modo que não conseguem encontrar uma referência para o termo “estar em casa”, pois, o que significa “estar em casa” quando se deve “aprender a habitar, no mínimo, duas

³ Utilizamos em nossa pesquisa o termo “migrância” segundo a acepção de Olivieri-Godet (2010, p. 189): “[...] *migrância* é um neologismo que está intimamente ligado ao contexto pós-moderno que o criou para figurar experiências de deslocamentos e modalidades intersubjetivas específicas dos tempos atuais”.

identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas" (HALL, 2005, p. 89)?

Essa “segunda generación” de exilados está presente na literatura chilena contemporânea como autoria e como tema. Como autoria, são os escritores e escritoras, filhos de exilados, que retornaram com seus pais na época da abertura política do país e publicam seus textos no Chile, em língua espanhola. Em suas obras, discutem o processo de criação de raízes no país de exílio, sem que para tanto tenham cortado as existentes com o país natal, que se mantiveram vivas pelas redes sociais criadas por seus pais, pelo convívio com os filhos dos exilados no país de chegada ou pelo retorno ao país de origem. Por viverem no entre-lugar das duas culturas, seus romances problematizam os encontros e os desencontros culturais, a busca pela identidade, enfim, a questão de pertencer simultaneamente a dois lugares, duas línguas e duas culturas. Fazem parte dessa geração as escritoras Rossana Dresdner, já exilada com sua família na Suécia, e Patrícia Cerda, de quando também exilada com sua família na Alemanha. A primeira, vivendo atualmente no Chile e a segunda na Alemanha. Com ênfase aqui para a primeira.

A “segunda generación” de exilados como tema aparece na narrativa chilena apenas em 2012, com a publicação do romance *Pasajeros en tránsito*, da escritora Rossana Dresdner. Primeiro romance a tratar especificamente dessa geração e as consequências do exílio em suas vidas. Na obra da escritora, encontramos o tema do deslocamento e da identidade associado também à questão do gênero. O cerne da narrativa é a personagem Gabriela: o exílio da sua família, sua volta ao Chile e seu retorno à Suécia. Por intermédio de seus deslocamentos, o romance narra as diversas maneiras de viver e transitar na contemporaneidade do sujeito feminino, enfocando a relação entre espaço e identidade e construindo posicionamentos críticos sobre a posição da mulher nesse espaço.

Para a crítica feminista, de origem indiana, Gayatri C. Spivak (SPIVAK, apud ALMEIDA, 2010, p. 13), a participação da mulher na sociedade, seu papel como sujeito atuante e sua participação nos deslocamentos nacionais e transnacionais, é um dos elementos diferenciadores dos deslocamentos anteriores para os de agora. A autora denomina esse movimento de nova diáspora contemporânea. Para ela, o papel da mulher como sujeito ativo na sociedade é fundamental nos deslocamentos atuais. Argumenta que não há como analisar a diáspora contemporânea sem compreender que a mulher se torna o foco de interesse das sociedades e é incorporada como parte integrante da sociedade civil. A autora ressalta, assim, o caráter gendrado⁴ dessa nova diáspora.

Sob os efeitos dessas novas contingências geopolíticas, a escrita de autoria feminina passou a relatar as consequências desses deslocamentos para a construção identitária e culturais da mulher contemporânea. As personagens femininas também passaram a ser protagonistas das narrativas que tratam do desenraizamento e do viver nos entre-lugares provenientes desses espaços de movência, tal como acontece na já citada narrativa de Rossana Dresdner, *Pasajeros en tránsito* (2012). Destaca-se aqui que o romance da autora, por meio da história da personagem Gabriela, relata o que foi o exílio e suas consequências para a segunda geração de exilados chilenos. A partir dessa obra, portanto, este trabalho objetiva analisar e discutir as novas relações com o espaço que resultam das experiências dos deslocamentos e da reterritorialização e suas consequências para a (re)construção identitária do sujeito feminino.

⁴ O termo “gendrado” é utilizado nos estudos sobre a escrita autoral feminina para designar o sujeito marcado pela especificidade do gênero.

O romance como representação da “segunda generaci3n” de exilados

A autora Rossana Dresdner 3 pouco conhecida no cen3rio liter3rio brasileiro. Sua obra ainda n3o foi traduzida para a l3ngua portuguesa e tampouco h3 estudos acad3micos sobre sua produ33o liter3ria. A escritora nasceu na cidade de Boston (Estados Unidos), quando seus pais chilenos ainda cursavam o Doutorado nessa cidade. Viveu at3 os 13 anos na cidade chilena de Valdiv3ia, quando em dezembro do mesmo ano, por causa do golpe militar que instaurou o regime totalit3rio no Chile, precisou partir com a fam3lia para o ex3lio. A fam3lia se instalou na cidade de Uppsala, na Su3cia, um dos pa3ses que mais recebeu chilenos exilados e onde, atualmente, a popula33o chilena representa praticamente a metade dos latino-americanos que vivem no pa3s. Camacho Padilla (2009) assegura que a Su3cia 3 o pa3s europeu com o maior n3mero de chilenos, e o terceiro no mundo, logo depois da Argentina e dos Estados Unidos.

Segundo depoimentos da pr3pria Rossana Dresdner, os preparativos para a viagem de ex3lio foram feitos em um m3s. A fam3lia chegou a um pa3s do qual nada conhecia e cujas l3ngua, cultura e tradi33es diferiam enormemente da chilena:

As3, creo que todo lo que vino despu3s de desarmar nuestro hogar en un mes, echar en una maleta todas tus pertenencias y partir, lo viv3 con asombro y perplejidad. Y cierta expectaci3n. Llegamos a un pa3s cubierto de nieve, a un barrio en construcci3n, a un departamento que era un cuarto del tama3o de nuestra casa, a una vida muy estructurada pero acerca de la cual no sab3amos nada y a la que ten3amos que aprender a adaptarnos, desde cero. Pero no recuerdo haber sentido tristeza. Sino m3s bien perplejidad, asombro y, finalmente, mucha curiosidad (DRESDNER, 2014, [s.p.]).

Doze anos depois (1986), j3 adulta, com a abertura pol3tica do pa3s, a autora retornou com a fam3lia ao Chile, onde vive at3 hoje. Estudou Hist3ria econ3mica na Universidade de Uppsala e Jornalismo na Universidade do Chile. Foi diretora de comunica33o da C3mara dos Deputados chilena e atualmente 3 presidente da plataforma de participa33o cidad3: “Voto Ciudadano”, organiza33o n3o governamental cujo principal objetivo 3 a luta para que seja outorgado aos

chilenos que vivem no exterior o direito de votarem e assim, participarem da vida política da nação. Por meio dessa plataforma, os chilenos do exterior fazem uma votação simbólica e demonstram sua insatisfação diante da impossibilidade de exercerem sua cidadania por intermédio do voto. A autora mantém relações com a Suécia por meio da Corporação Harald Edelstam no Chile, da qual é presidente.

Rossana Dresdner incursionou na literatura em 2012. *Pasajero en tránsito* é seu primeiro romance e também o primeiro, escrito no Chile, que retrata ficcionalmente o cotidiano dos filhos de pais exilados e as consequências desse exílio, como o que ela própria viveu:

Este libro es una suma de vivencias múltiples, diversas, profundas, vitales. Se compone de pedacitos de vida de numerosas personas que, en algún momento, llegaron a mí de primera, segunda o tercera fuente, de oídas o leídas, fruto del recuerdo o de la imaginación - propia o de otros (DRESDNER, 2012, p. 5).

Os espaços do romance são os mesmos pelos quais circulou a autora: a cidade de Uppsala, na Suécia, e a cidade de Santiago, no Chile. O cenário de fundo da obra, mesmo quando todos os personagens se encontram na Suécia, é a ditadura chilena, a redemocratização e a abertura do país aos exilados. Contudo, tal contexto histórico-político, ainda que seja importante na obra, não é o eixo principal do romance. Esse é composto pelo sentimento de pertencimento que vai desde a perda dos vínculos afetivos e culturais com o país de origem aos novos laços que se estabelecem - por meio da escola, do idioma e das amizades - com a Suécia, de modo a não saber mais a que lugar pertence, como nos afirma a própria autora (2012) em uma reportagem ao jornal *El mostrador*:

Más que del exilio, [el libro] habla de la carencia. Es total y profundamente autobiográfico. No porque los personajes sean más o menos verdaderos ni porque las situaciones descritas efectivamente ocurrieron o no. Es autobiográfico porque los sentimientos, las emociones, los temores, las inseguridades, los deseos de los personajes son verdaderos. Son míos pero también de otros. Los he conocido, de primera, segunda o tercera fuente. Este libro trata de la soledad. De perderlo todo. De jugarse la vida. Del amor. Del miedo. Trata de la esperanza, de la fuerza que todos llevamos dentro. De la

valentía que no sospechamos en nosotros mismos. De la entereza. De la dignidad. De la tenacidad. De la sobrevivencia.

Entretanto, esses laços com o país de chegada e também com os países de origem não chegam nunca a se completarem, pois os personagens se descobrem, após idas e vindas, possuidores de uma subjetividade nômade que se posiciona pela renúncia e pela desconstrução de qualquer senso de lugares e de identidades fixas (BRAIDOTTI, 2002).

A obra está composta por 23 capítulos nos quais se intercalam a voz narrativa de Gabriela e a voz de outro personagem que nomeia o capítulo. Cada capítulo possui o título do capítulo em seu início e entre parênteses o ano em que ocorreu o fato narrado. Os narradores se intercalam entre a personagem Gabriela e outro personagem que é o protagonista dos acontecimentos relatados em um período que vai de 1975 a 1996. Esses capítulos não possuem uma ordem cronológica. Formam um caleidoscópio de vozes e datas descontínuas, como um quebra-cabeça. Cada história vai entrelaçando-se com a história dos outros personagens, até completar as lacunas existentes na história de cada um dos personagens. Cabe ao leitor ir montando esse quebra-cabeça para poder dar sentidos às histórias e aos fatos narrados.

De capítulo em capítulo, o leitor “monta” o romance e percebe que a história contada se divide em dois momentos. O primeiro conta o período da adolescência da personagem Gabriela em Uppsala, a adaptação ao novo país e aos seus costumes. Nessa parte da história ela é acompanhada pelos seus amigos bolivianos Lalo e Chino e pela sua amiga finlandesa, Pirkko, desterritorializados como ela. Além de passarem pelas agruras da adolescência com drogas, amores não correspondidos e brigas com os pais, eles ainda precisam se adaptar ao novo país e à nova cultura para poderem ser aceitos e pertencerem a ela.

O segundo momento do romance retrata Gabriela, seus companheiros de adolescência e outros personagens já adultos. Nele encontramos o retorno de alguns personagens ao Chile, o envolvimento deles com a Frente Patriótica

Manuel Rodríguez pela libertação do Chile e a participação deles no atentado contra o general Augusto Pinochet, em 7 de setembro de 1986, mesclando, no romance, fatos reais com os de possibilidades ficcionais. Também há o retorno de Gabriela ao país natal, sua participação na luta para a redemocratização do país, sua vida após a abertura política chilena e seu desejo de voltar à Suécia para rever o que deixou para trás.

Nos dois momentos do romance, há um grupo de personagens, jovens e desterritorializados, de várias nacionalidades, com os quais a personagem Gabriela se relaciona, seja no âmbito familiar, amoroso ou de amizade. Todos circulam pelas três culturas presentes no romance - a sueca, a chilena e a africana. Vivem em fase de adaptação e em uma busca constante pelo sentimento de pertencer a um lugar. Ademais, exprimem o estranhamento de viver em outra cultura, falarem outra língua, seguirem outros costumes. Exatamente os mesmos sentimentos de estranhamento que a autora, em um depoimento sobre a época do exílio, afirma ter sentido nos primeiros dias, ao frequentar a escola na Suécia:

44

Mi primer día en el 5to Básico de la escuela del sector -Ericsskolan- fue a menos de una semana de haber llegado a Uppsala. Me sentí como un animalito de zoológico en exhibición. Yo no me parecía a nada de lo que ellos habían visto antes en su sala de clase. La profesora - que intentaba hablar algo de italiano - me hacía muchas preguntas. Mis compañeros de curso, le hacían preguntas a ella para que me las transmitiera a mí. Yo no entendí ni una sola palabra. Así es que tampoco emití ninguna como respuesta. Así transcurrieron varias semanas. [...] Sólo participaba en matemáticas y educación física, dado el lenguaje universal que utilizan tanto los números como el cuerpo. A pesar de que era invierno, lo recuerdo todo lleno de colores. La sala de clases, la ropa de mis compañeros, los libros y cuadernos. Y todo me parecía asombroso: ¿Por qué mis compañeros eran tan delgados y altos? ¿Cómo podía el pelo ser tan rubio y brillante? ¿Por qué mi ropa era tan extraña comparada a la de ellos? ¿Por qué hombres y mujeres jugaban a las mismas cosas en los recreos? ¿Por qué casi todos pololeaban? ¿Por qué parecían tan libres? Y ¿por qué se daban el trabajo, cada recreo, de intentar hablar conmigo, de saber más de mí, cuando era obvio que no había forma de comunicarse? Todo me parecía asombroso. Y todo abría un mundo de posibilidades desconocidas (DRESDNER, 2014, [s.p.]).

Assim, se comparamos a passagem acima com o fragmento abaixo, presente no romance, notamos que o romance de Dresdner reflete, ainda que de maneira ficcional, os processos de desterritorialização e reterritorialização pelos quais passou a autora, como filha de pais exilados:

Cuando tenía más o menos doce años [Gabriela] La sacaron de su casa, su escuela, su ciudad, al sur de Chile y la llevaron a vivir en un *ghetto* de inmigrantes en Uppsala: Flogsta. Me contó que cuando llegaron, ni siquiera habían terminado de construir el barrio y que salía todas las mañanas y caminaba en el barro para llegar a un bus que la llevaba a la escuela donde todos la miraban como bicho raro, y a unas clases donde no entendía nada (DRESDNER, 2012, p. 75).

O ir e o vir e a busca incessante pelas afiliações e identificações nos lugares provisórios pelos quais circulou a autora do romance também são sentimentos que partilham seus personagens. Os processos de hibridez cultural⁵ provenientes dessas experiências da autora também estão no romance, e fazem parte de todos os personagens. Autora e personagens são conscientes de que as fronteiras que se atravessam, atravessam a subjetividade: “Y cuando empecé a comunicarme [en Suecia] accedí un mundo que, con los años y hasta hoy, pasó a ser parte indeleble de mi personalidad, de mis creencias y convicciones” (DRESDNER, 2014, [s.p.]).

“La segunda generación” ou como viver entre mundos

O romance de Dresdner começa no ano de 1996, com a personagem Gabriela, já adulta, dentro de um avião, chegando ao aeroporto de Uppsala. Após 10 anos no Chile, a personagem retorna, de visita, à cidade em que viveu no exílio com a família: “Estoy de vuelta. Al fin estoy de vuelta” (DRESDNER, 2012, p. 7). A escolha desse espaço, como o lugar de início da narrativa, parece-nos representativo do espaço de movência presente em toda a obra, pois esse

⁵ Entendemos como hibridez cultural os “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. xix).

espaço agrupa passageiros em um constante ir e vir, como todos os personagens do romance. O espaço, do avião e do aeroporto, sintetiza a ideia de trânsito explícita desde o título da obra e caracteriza a subjetividade nômade dos personagens que não criam raízes, que precisam estar indo de um lugar a outro: “La permanencia era una ilusión. No importaba lo que tu hicieras, igual se podía desvanecer como el olor de la pólvora después de un tiro” (DRESDNER, 2012, p. 75).

Cabe ressaltar também que o espaço do avião e do aeroporto configuram nas cidades contemporâneas um espaço muito particular: o não lugar. Os não lugares são “os espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços” (AUGÉ, 2007, p. 87). Esses são espaços, criados para o contínuo deslocamento, são lugares de transição, de passagem, nos quais o sujeito perde seus vínculos sociais e de identidade e pode negociar outros. Nesses espaços, o sujeito está só, ainda que esteja rodeado de várias outras pessoas.

A viagem no início da obra metaforiza a transição e a negociação identitária pela qual passa a personagem Gabriela, para aceitar-se como sujeito em trânsito e, como tal, possuidora de uma subjetividade nômade, conceito desenvolvido por Braidotti (2002). A teórica nos esclarece que os sujeitos nômades se posicionam pela renúncia e pela desconstrução de qualquer senso de lugares e de identidades fixas, pois vão além das fronteiras nacionais para produzirem novas formações identitárias. Nesse lugar de trânsito, o avião, não só o corpo, mas também a subjetividade da personagem está em trânsito, pois

À medida que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades [...]. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo em que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca aquele que regressa (IANNI, 2003, p. 31).

Ainda no avião, a personagem se conscientiza de que é um sujeito que vive em uma cultura híbrida, possuidora de uma subjetividade nômade, com uma identidade cindida entre os vários espaços pelos quais transitou e, assim, rompe com as amarras do nacionalismo e do pertencimento. É chilena por nascimento e não pode negar que o país onde cresceu lhe deixou marcas permanentes, mas, ao mesmo tempo, se considera também sueca: “- Ah, hablas sueco - dice.- Sí, soy de acá - respondo. -Soy de acá, le repito a la azafata” (DRESDNER, 2012, p. 8-9).

Essa conscientização de possuir uma subjetividade nômade ocorre na personagem apenas após sucessivos deslocamentos: o exílio para a Suécia, a ida para o Sudão, a volta à Suécia, a ida para o Chile e, finalmente, o retorno ao país do exílio, a Suécia. É a conscientização de que a identidade se constrói no devir:

Lo permanente. Me pregunto por qué valoramos tanto lo permanente, lo que queda. Cuando lo transitorio también es necesario. Es impulso, energía, incentivo. Lo transitorio aparece, deja su huella y se va. Se mezcla con lo permanente y se modifica (DRESDNER, 2012, p. 236).

Entretanto, como os “espaços de transição requerem negociações constantes” (BRAIDOTTI, 2002, p. 13), até se conscientizarem de que possuem uma subjetividade nômade, a personagem Gabriela e os demais personagens desenraizados passam por um longo processo de negociação identitária, no qual procuram encontrar e construir significados para o que de novo encontravam na cultura sueca, como narra o personagem Ricardo, irmão de Gabriela:

En *Katedralskolan* nunca había habido alumnos “cabezas negras”. Al principio nos miraban como bichos raros. Era recíproco, en todo caso. Nosotros encontrábamos que casi todo era extraño, partiendo por la comida. La primera vez que nos sirvieron *blodpudding* - una especie de tortilla de sangre de vacuno prensada - acompañada de *lyngonsylt* - una mermelada de un tipo de grosella roja-, yo creí que vomitaría. [...] En realidad, durante mi primera estadía en Suecia me cargó casi todo: la comida, la música, las relaciones entre la gente, la gente misma, incluyendo a las suecas, que todos los latinoamericanos encontraban tan extraordinarias (DRESDNER, 2012, p. 19).

Em um primeiro momento, a Suécia concentrou os exilados latino-americanos (chamados de “cabezas negras” pelo cabelo escuro) em um mesmo bairro e conglomerados habitacionais (como é o bairro em que moram os personagens do romance: Flogsta, o bairro dos estrangeiros), o que facilitou e ajudou a adaptação da comunidade latino-americana que enviava os filhos ao mesmo colégio, encontrava-se nas mesmas praças, fazia compras em um mesmo local (ESPINA BOCIC; SANHUEZA COMTE, 2014, p. 75). Ainda assim, o sentimento dos exilados ao chegarem à Suécia foi o de estranhamento. Entretanto, a adaptação e a integração à cultura do país foram mais fáceis para os filhos que para os pais.

Os filhos por meio da escola, do bairro e dos amigos latino-americanos como eles, constituíram grupos de pertencimento com os quais apreendiam a nova cultura e com isso, se inseriam na comunidade do país de chegada. Isso, embora, de início, a permanência predominantemente nos guetos de latino-americanos e a barreira da língua e a diferença dos costumes não lhes permitissem criar um círculo de amizade com os nativos do país: “Pero no hay muchos latinos de mi edad como para regodearse, y, aunque saludo a algunos suecos en la escuela, no me atrevo a andar con ellos” (DRESDNER, 2012, 27-28).

Aos poucos, esses jovens constroem o seu pertencimento com a nova cultura, porém, sem perder a afiliação à cultura chilena e latino-americana. A construção dessa identidade nacional e étnica era estimulada pelo grupo familiar que não desejava que os filhos, principalmente os mais jovens, perdessem as raízes com os seus países de origem. Por meio da assimilação dos símbolos culturais chilenos e latino-americanos, a população exilada traduzia a sua identidade, reconhecia-se como um grupo e continuava sendo chilenos e latino-americanos na Suécia, já que esse país não possui uma cultura com pontos de semelhança com a dos exilados. Assim, os jovens dessa segunda geração de exilados cresceram na dualidade de serem tanto chilenos quanto do país em que estavam, sem questionarem, nesse momento, essa dualidade.

Contudo, o romance retrata uma das características mais marcantes com relação ao exílio dessa segunda geração, segundo Espina Bocic e Sanhueza Comte (2014, p. 103): quanto mais jovens os filhos, como no caso da personagem Gabriela de apenas 13 anos, mais o país de origem se transforma em uma imagem irreal e utópica e mais o pertencimento como país de chegada se reforça. Para Gabriela, o Chile era um país que existia apenas no discurso dos mais velhos e, logo, transformou-se em um país do passado, quase imaginário:

Chile es para mí algo casi irreal. Un pasado en que apenas pienso y que solo aparece a veces, como un obstáculo para mi vida actual; obstáculo que estoy decidida a superar. [...] Mi madre y Ricardo dicen que pronto volveremos a Chile, que la dictadura no puede durar mucho. Pero lo han dicho desde que llegamos, a tres meses del golpe militar, y ya llevamos más de dos años aquí. Todos los chilenos dicen lo mismo, pero yo creo que solo se engañan, porque no son capaces de salir adelante en Suecia. Por eso viven todos en el mismo barrio, se juntan solo con latinoamericanos, comen lo mismo que en Chile y hablan solo de Chile. Eso nos es para mí. Yo voy a aprender a vivir acá, y no importe lo que opine mi familia ni nadie, menos los chilenos (DESDNER, 2012, p. 44-45).

Para esses jovens, o laço de pertencimento com o país de origem é tênue. Os laços criados com a Suécia são muito fortes e presentes. Por isso, a necessidade da família de alimentar as raízes com o país que se deixou para trás. Essas relações de pertencimento fazem com que o processo de construção identitária desses jovens ocorra nos interstícios das duas culturas, no espaço “entre” elas, o que não lhes permite pertencer exclusivamente a uma e tampouco a outra. O processo é de inclusão, de amalgamento das duas culturas, que conduz a um pertencimento múltiplo. Pertencimento esse nem sempre aceito pelo outro, pois eles são considerados estrangeiros tanto na Suécia quanto no Chile. Sua língua e seus costumes diferem dos chilenos que não saíram do país: ambos estão “maculados” pela cultura do país onde cresceram. No romance, Gabriela é considerada estrangeira pelos próprios chilenos mais velhos que também se exilaram na Suécia. Se esses mantiveram a língua e os costumes chilenos; ela, que viveu seus anos de formação na Suécia, trazia, em sua identidade, as

marcas dessa cultura: “Efectivamente ella [Gabriela] no entendía: era gringa” (DRESDNER, 2012, p. 225). Os filhos de pais exilados que formam a segunda geração não deixam nunca de ser estrangeiros. Não encontram um lugar para “pertencer” e devem aprender a conviver com esse estigma.

Esses laços tênues de pertencimento com o país de origem permitem aos jovens da segunda geração “enxergarem”, sem o véu do sentimento de nostalgia, o país que deixaram para trás. Esse distanciamento lhes permite ter uma visão crítica quanto aos aspectos econômicos, sociais e políticos, ao mesmo tempo em que comparam o país de origem com o da chegada. No romance, o personagem boliviano Lalo representa essa visão. Exilado ainda jovem da Bolívia para a Suécia, após uma viagem de retorno à Bolívia, conscientiza-se de que já não pode voltar a viver nesse país, ainda que cultive suas tradições e sinta-se boliviano. Decide, então, continuar vivendo na Suécia:

A mí, ese viaje a Bolivia me abrió los ojos respecto a su drama. Un país que alguna vez estuvo lleno de plata y se la llevaron los españoles. Que después tuvo estaño y se lo llevaron tres tipos que tienen tremendas cuentas en bancos europeos. Un país que le quitaron el mar. Un país que aparezca lo que aparezca, se lo van a llevar un par de sinvergüenzas mientras los millones de gente pobre y analfabeta se les queda mirando. Ese es el tema en Bolivia: Entregada a su suerte, resignada, Ya no podría vivir allí. Ya no (DRESDNER, 2012, p. 35).

Os personagens exilados do romance, mesmo os que decidem permanecer no país de chegada, carregam em si, em maior ou menor grau, o sentimento da perda do lugar de origem. De modo que quando houve a abertura política no Chile e a permissão para que os exilados retornassem, muitos retornaram. Contudo, muitos jovens da segunda geração decidiram não fazer o percurso de volta, uma vez que já estavam adaptados ao país de chegada. Como nos asseguram Espina Bocic e Sanhueza Comte (2014, p. 91), esse fato foi o mais desintegrador da ditadura, pois se o exílio foi familiar, o desexílio não o foi. Alguns integrantes da família exilada não quiseram voltar ao país de origem e decidiram continuar vivendo no país de chegada. No romance, essa desintegração acontece com a família de Gabriela, pois a mãe e o irmão

decidem voltar para o Chile, mas o pai e Gabriela decidem ficar na Suécia: “Pasan las semanas y ella no se termina de convencer de que no la acompañaré a Chile. No entiende o no quiere entender que yo me sienta bien acá” (DRESDNER, 2014, p. 66).

Em todo o caso, esse sentimento não é permanente. Gabriela volta depois, sozinha, ao Chile e decide ficar. No romance, os jovens da segunda geração retornam ao Chile, com suas famílias ou sozinhos, para reencontrar o país que faz parte de sua identidade e de sua memória coletiva. Nessa volta ao Chile, tornam-se ativos politicamente. Participam das guerrilhas contra o governo da ditadura, como Ricardo, Diego e a própria Gabriela. Para Espina Bocic e Sanhueza Comte (2014, p. 102), essa participação da segunda geração de exilados em grupos de esquerda pela redemocratização do Chile ocorre pela busca do pertencimento. Os referentes identitários que possuem de seus pais e da comunidade do exílio são os grupos de resistência à ditadura. Então, incorporam-se a elas. Mas, logo, como ocorre com Gabriela, há uma decepção com esses grupos que não correspondem à memória construída no exílio e há um afastamento da vida política e uma nova busca pelo pertencimento, que faz a personagem desejar voltar à Suécia:

Es como si todo lo que hice desde que volví hubiera perdido sentido. Como si todo ese sacrificio militante, la mística, se hubiera desvanecido. No solo por el plano político del país, sino también por un cambio personal; [...] Y Chile, no sé si me gusta Chile. No sé si alguna vez me gustó. Pero, antes, al menos, no me detenía a pensarlo; estaba muy ocupada peleando por la democracia, aunque suene cursi. Y porque podía culpar a la dictadura de cualquier cosa que no me gustara, como hacíamos todos (DRESDNER, 2012, p. 213).

No romance *Pasajeros en tránsito*, alguns desses jovens retornados, mesmo participando da vida política do país, não se adaptam e decidem voltar à Suécia e nesse retorno, ficam permanentemente no país, como o irmão de Gabriela, Ricardo, e seu antigo namorado, Diego. Outros, decidem ficar no Chile, mesmo após a democracia, mas o sentimento de perda do país que deixaram para trás é tão forte quanto o sentimento que nutriam pelo Chile na

época do exílio. Gabriela faz parte desse último grupo. Depois de 10 anos vivendo na cidade de Santiago de Chile, começa a nutrir um sentimento de estranhamento com o seu próprio país. Começa a sentir falta do que deixou na Suécia: “Y sentí urgencia en cambiar. No tenía claro específicamente qué, pero sí la urgencia. La sentía a diario. Y a diario recordaba Uppsala” (DRESDNER, 2012, p. 210). A personagem, fruto de constantes deslocamentos, começa a sentir-se estrangeira em seu próprio país: “He llegado a conclusión que yo soy el problema. La desadaptada [...] Desadaptada, extraña, extranjera” (DRESDNER, 2012, p. 211). E mais uma vez a personagem conscientiza-se de que a inadequação está em si mesma e não no espaço geográfico e sente a necessidade de conectar-se com o seu passado e mais uma vez se desloca. Desta vez, faz novamente o trajeto que percorreu no exílio, do Chile para a Suécia, na tentativa de reencontrar-se.

Encontros interculturais e gênero

Os encontros interculturais presentes no romance *Pasajeros en tránsito* não estão centrados apenas nos oriundos das questões do exílio da segunda geração, mas também nos que ocorrem dos encontros entre as diferenças dentro do próprio gênero feminino. Sob esse aspecto específico, o romance se centra no país africano de Eritreia e as suas relações culturais com o feminino, por meio do encontro do personagem Medhani, exilado eritreu e namorado, durante um período, de Gabriela na Suécia e da família dele, a irmã Azieb, exilada na Itália, e a mãe, Zhara, exilada no Sudão. Na narração, a inserção das vozes dessas duas personagens ocorre para mostrar as diferenças, dentro do próprio gênero feminino, entre a cultura de Gabriela, do Ocidente e a do país africano, mais próxima a do Oriente. Não há destaque no romance para as diferenças culturais entre as mulheres da Suécia e do Chile. Contudo, o romance abre espaço para as vozes de Azieb e Zhara contarem suas histórias de ruptura e aceitação das regras sociais para os papéis femininos em suas culturas e o deslocamento espacial que sofreram. Desse modo, essas

diferenças estão presentes na narrativa não apenas pela voz da personagem Gabriela, fazendo-nos entender por que as personagens eritreias aceitam e, ao mesmo tempo, rompem com os papéis sociais estipulados para elas.

Sobre sua viagem para o Sudão, onde vive por quase um ano com Medhani, a personagem Gabriela centra sua narração, principalmente, nas diferenças dos papéis sociais e culturais do gênero feminino. Relata a submissão da mulher ao masculino, mas o destaque principal é no choque cultural que tem ao descobrir sobre o costume da circuncisão feminina, em meninas de apenas 7 anos:

- Y claro, antes de casarte, tendrías que pasar por el ritual de la circuncisión, como hacen muchísimas mujeres eritreanas - agregó.

Me pareció inhumano y moralmente asqueroso. Miles de niñas son sometidas a esa “operación” con un cuchillo y sin anestesia: les cortan el clítoris, los labios menores y casi todos los labios mayores. Después las cosen, también sin anestesia, y les dejan un pequeño orificio para que orinen y menstrúen cuando sean más grandes (DRESDNER, 2012, p. 92).

A incompreensão dos costumes eritreus e sua não aceitação pela personagem ressalta que Gabriela não é capaz de realizar “os encontros dialógicos das diferenças existentes dentro do próprio feminino” (SHOHAT, 2004, p. 26). O capítulo no qual a narradora, Gabriela, conta o período em que ficou no Sudão intitula-se “Preciso de um pouco de modernidade”, mostrando o quão difícil é para ela estabelecer relações dialógicas com a cultura do Sudão. Para uma mulher de costumes ocidentais, livre e sujeito de sua própria voz, o país lhe parece viver ainda segundo os padrões medievais. Especificamente por causa dos papéis sociais femininos, que submete a mulher à vontade masculina e ao mesmo tempo, a “invisibiliza” socialmente:

Una vez le pregunté a Medhani quiénes eran todas esas mujeres. Me quedó mirando como si yo le preguntara las cosas más curiosas del mundo. “No tengo idea. Serán hermanas de ella o de él. O tías, o primas. Qué sé yo” (DRESDNER, 2012, p. 92).

Gabriela tampouco estabelece qualquer relação com Zhara, a mãe de Medhani. Ela não consegue enxergar analogias com esse sujeito feminino tão culturalmente diferente de si e atua para que na relação estabelecida entre elas sobressaiam apenas as diferenças e os contrastes culturais que geram uma não identificação. Com isso, o relacionamento entre as duas é marcado pelo signo da incompreensão, no qual se destacam as diversidades culturais que as separam:

Eso de venir a Sudán fue divertido solo al principio, hasta que apareció la madre de Medhani, Zhara, en la casa de Khartoum. [...] Con su llegada, toda la casa comenzó a funcionar según la jerarquía familiar eritriana, en la que los mayores deciden todo y los menores acatan y cuando digo los menores, me refiero a los hijos, aunque estos tengan cuarenta años. Medhani se sometía a ello y él estaba recién en el primer escalón de la estructura jerárquica (DRESDNER, 2012, p. 88-89).

Contudo, no capítulo em que Zhara conta sua história, vemos uma mulher independente que se exilou no Sudão para poder administrar os negócios da família, que lutou para se manter livre da dominação masculina (na figura do pai) e para livrar os seus filhos também dessa dominação, mandando-os para o estrangeiro. Escondeu do pai a notícia da morte do marido na guerra, para não ter que entregar os filhos e ser obrigada a casar novamente. Seu relato mostra como utiliza de subterfúgios, não detectados pelo poder masculino hegemônico, para manter as tradições eritreias e, ao mesmo tempo, desconstruir a identidade essencialista que a cultura que impõe. A voz de Zhara no romance ressignifica a identidade feminina construída para ela pela personagem Gabriela: “Lo que sí sé es que mi vida se transformó en una estrategia para impedir que él [su padre] tomara el control sobre mí y sobre mis hijos. Mis hijos no saben el favor que les hice, ni el esfuerzo que me tomó” (DRESDNER, 2012, p. 132).

A mesma incompreensão cultural ocorre também entre a personagem Gabriela e a irmã de Medhani, Azieb. Nas raras vezes em que Gabriela a viu, em Milão, onde aquela morava, encontrou-a calada e assim quase sem se comunicarem,

uma vez que ela só falava na língua nativa com o irmão. E mais uma vez, Gabriela constrói uma ideia dela baseada em estereótipos: “Era muy bonita, como esas modelos africanas famosas” (DRESDNER, 2012, p. 87). No romance, o relato da personagem sobre si mesma desconstrói esse estereótipo e revela uma mulher que precisou sair do seu país de origem e migrar para a Itália para poder transformar-se em sujeito com voz e direito. E ainda na Itália, luta pelos seus direitos em uma sociedade europeia que a reduz apenas a “mulher africana”, sem deter-se nas especificidades de sua identidade cultural. Também é no relato de Azieb que aparecem as diferenças entre os gêneros; ou seja, os questionamentos sobre a posição da mulher dentro e na sociedade em que vive: “Si tuviera una hija con Piero, ¿cómo la educaría? Al final siempre sería un problema. Si fuera hombre sería más fácil. Ellos siempre tienen más libertad, no importa si son africanos o europeos” (DRESDNER, 2012, p. 100)

No romance, notamos que a língua foi dos elementos que contribuiu para o distanciamento de Gabriela da cultura eritreia durante sua permanência no país e a não compreensão das diferenças. Durante sua estada, comunicava-se apenas com Medhani, já que as demais mulheres não falavam sua língua e os homens não lhe dirigiam a palavra. Esse fato aumenta o estranhamento da personagem com país e o sentimento de não identificação com o outro. Entretanto, esse silêncio lhe permite olhar para si mesma e reencontrar-se: “Así que paso mucho tiempo callada [...] Pero tanto tiempo en silencio me ha dado la oportunidad de pensar. De pensar en todo. [...] en las diferencias entre las gentes, en las identidades” (DRESDNER, 2012, p. 107).

Ao reunir diversidade cultural e gênero, a narrativa amplia a visão de Gabriela e a faz compreender um pouco mais sobre si mesma. É nesse momento que decide retornar ao Chile, sua pátria natal, e enxergar-se como chilena e latino-americana. A aceitação de sua identidade chilena mostra que os conflitos identitários provenientes dos deslocamentos e dos encontros interculturais e sua aceitação modificam o sujeito feminino. Dessa forma, esses conflitos dentro do próprio gênero contribuem para a narradora perceber que a sua identidade

se (re)constrói nos entre-lugares gerados pelos contatos espaciais e culturais entre ela própria e o outro:

De a poco me ha invadido el interés por Latinoamérica, su historia, su música, su cultura, su literatura, su geografía, su gente, Me voy dando cuenta de lo hermoso que es ese continente de donde yo vengo, porque creo ahora que soy, en alguna parte, de ese paisaje, de esa raza, de ese idioma. Por primera vez en mi vida adulta puedo decir que siento chilena. No será una chilena típica, pero chilena al fin. Y quiero ir a Chile. Y, en definitiva, por eso te escribo. Creo que estoy lista para ir (DRESDNER, 2012, p. 107).

Assim, o deslocamento de Gabriela ao Sudão lhe permite o autoconhecimento, a compreensão de sua história, de sua cultura e de sua identidade. No Sudão, em meio a uma realidade diferente da sua, encontra, sobretudo, a aceitação de sua identidade chilena, passando, também, a pertencer àquela comunidade e a desejar voltar para esse país. O desejo de voltar ao Chile e a busca por um pertencimento mostra que o desenraizamento não está unicamente do lado de fora, na geografia, mas dentro da própria personagem.

Conclusão

O romance *Pasajeros en tránsito*, de Rossana Dresdner foca as contradições do mundo contemporâneo no sujeito desterritorializado, representado na obra pelo grupo de jovens exilados na Suécia, especificamente pela personagem Gabriela. Ela e os demais personagens desterritorializados da narrativa estão tangenciados pelas relações diaspóricas provenientes dos processos de desterritorialização e reterritorialização de seus pais e de si próprios. Esses processos geram nesses sujeitos uma nova formação identitário-cultural que se caracteriza por ser hifenizada, traduzida, própria dos indivíduos que, como a autora e os personagens do romance, cruzaram as fronteiras territoriais, linguísticas e culturais.

No romance, os personagens desterritorializados estabelecem uma nova relação com os espaços pelos quais circulam, na qual não há o privilégio de um espaço sobre o outro, mas a interação entre eles. Nesse espaço “entre”, os personagens não mais se incorporam à nova cultura e, tampouco, abandonam a de origem, mas criam uma terceira, nos interstícios das duas. Aprendem a traduzir e a negociar com as culturas e a operar em um código plural, conscientes de sua hibridez cultural e das heterogeneidades presentes em seu ser. Criam para si uma identidade traduzida que ocupa um espaço marcado pelo entre-lugar e pelo trânsito. Essa identidade é a dos personagens descentrados e moventes que fazem parte do romance.

Desde o seu título, o romance assume que, na sociedade contemporânea, tudo é transitório. Nessa transitoriedade, a identidade também está em constante devir: se constrói nos diversos encontros e desencontros culturais pelos quais passam a segunda geração de exilados retratada no romance. A identidade desse grupo corresponde à construída a partir de um contínuo processo de readequação e readaptação às diversas culturas pelas quais transita. Como consequência, a segunda geração de exilados perde o sentimento de enraizamento e de pertencimento a uma única afiliação e se caracterizam por serem possuidores de uma subjetividade nômade.

Ao tematizar a desterritorialização da segunda geração de exilados, o romance de Dresdner se desloca do espaço privado para o público. Ao mesmo tempo, expande o espaço do romance para além das fronteiras nacionais dos personagens. Desse modo, a autora explora a literatura como uma prática política e social que visibiliza a mulher como parte constitutiva da sociedade cosmopolita contemporânea.

Pasajeros en tránsito ilustra as negociações identitárias incessantes pelas quais passa a personagem Gabriela em busca de suas raízes, de um lugar de pertencimento. Contudo, no final da narrativa, a personagem conscientiza-se que os inúmeros deslocamentos e encontros culturais contribuíram para

construir uma subjetividade nômade que renuncia a pertencimentos e a identidades fixas. Conscientiza-se de que o lugar para pertencer e encontrar-se, entre as várias afiliações múltiplas que possui, não está senão dentro de si própria.

Referências:

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mulheres tão diferentes que éramos: a escritora contemporânea e as narrativas cosmopolitas na aldeia global. In: DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virginia M. Vasconcelos (Org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 12-22.

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não-lugares. In: _____. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lucia Pereira. 7 ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 71-105.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividades nômades. *Labrys: Revista de Estudos Feministas*, Brasília, n. 1-2, jun.-dez. 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

CAMACHO PADILLA, Fernando. Chilenos en Suecia: crónica de un exilio. *Latinoamérica en el Centro*, maio 2009. Disponível em: <<http://www.lattice.org/fat/es/fcp0905es.html>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. Tradução de Ana Regina Lessa et al. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

DRESDNER, Rossana. *Pasajeros en tránsito*. Santiago de Chile: LOM, 2012.

DRESDNER, Rossana. Mi primer periodo en Suecia. El milagro de pertenecer. *Hijxs. Voces*. 2 feb. 2014. Disponível em: <<https://imagenesparamemorar.com/2014/02/02/rossana-dresdner-memorias-de-exilio/>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

DRESDNER, Rossana; LAFFERTE, Miguel. Rossana Dresdner y Miguel Lafferte presentan sus propuestas consistentes en forma y contenido. *El Mostrador*, Santiago, 10 nov. 2012. Disponível em: <http://www.elmostrador.cl/cultura/2012/11/10/rossana-dresdner-y-miguel-lafferte-presentan-sus-propuestas-consistentes-en-forma-y-contenido/>. Acesso em: 25 feb. 2017.

ESPINA BOCIC, Nicolás; SANHUEZA COMTE, Aline. La construcción de identidad en hijos/as de exiliados/as políticos/as chilenos/as. *Revista de Psicología*, Viña del Mar, v. 4, n. 8, p. 72-111, 2014. Disponível em: <<http://sitios.uvm.cl/>>

revistapsicologia/revista-detalle.php/8/48/contenido/la-construccion-de-identidad-en-hijas-de-exiliadas-politicas-chilenas>. Acesso em: 2 mar. 2017.

FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro; GARRAMUÑO, Florencia; SOSNOWSKI, Saúl. Introducción. In: _____ (Org.). *Sujetos en tránsito: (in)migración, exilio y diáspora en la cultura latinoamericana*. Buenos Aires: Alianza, 2003. p. 11-28.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705/71285>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEFFES, Gisela. Fotogramas de la fugacidad: el escritor en tránsito y la transitoriedad de la escritura. In: _____. *Poética de los (dis)locamientos* (Ed.). México: Literal, 2012. p. 221-38.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: _____. *Enigmas da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 11-32.

OLIVIERI-GODET, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-210.

SHAW, Donald L. *Nueva narrativa hispanoamericana: Boom. Posboom. Posmodernismo*. Madrid: Cátedra, 1999.

SHOHAT, Ella. Estudos de área, estudos de gênero e as cartografias do conhecimento. In: COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (Org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004. p. 19-30.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío*, València, n. 5, 2010. Disponível em: <<http://www.uv.es/extravio>>. Acesso em: 5 ago. 2012.

Recebido em: 12 de junho de 2017.
Aprovado em: 5 de outubro de 2017.